

A GEOGRAFIA DE MILTON SANTOS: NOTAS SOBRE A ATUALIDADE DE SEU PENSAMENTO EM TEMPOS PANDÊMICOS

--

THE GEOGRAPHY OF MILTON SANTOS: NOTES ON THE ACTUALITY OF YOUR THOUGHT IN PANDEMIC TIMES

Ariane Melchior Nunes da HORTA

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ETSC, Brasil
arianehorta.geo@gmail.com

Guilherme CHALO

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, IPPUR, Brasil
guilhermechalo@gmail.com

Resumo

Milton Santos exerceu um papel central na renovação crítica que a ciência geográfica tem atravessado ao longo dos últimos cinquenta anos. Produziu obras que são referências para a construção de um método e de uma outra razão de ser do pensamento geográfico. Podemos delimitar dois polos na sua obra que se entrelaçam ao longo da sua produção, mas que de alguma forma nos ajudam a pensar todo o seu corpo teórico. De um lado temos uma obra sobre urbanização e economia urbana e de outro, uma obra mais ensaística, que força a fronteira do pensamento geográfico para outros lugares e que propõe um método, uma meta-geografia que culmina na sua obra "A natureza do espaço" (1996) e que segue se desdobrando até à sua reflexão sobre a globalização. Esses dois momentos estão intimamente conectados, visto que a pesquisa temática do autor é que anima as reflexões teóricas, ao mesmo tempo em que ele revê processos sociais à luz da sua teoria. Os textos de caráter epistemológico do geógrafo captam um momento de profunda transformação da sociedade, pós a crise do capitalismo da década de 1970 e acompanham o que se convencionou chamar de "globalização". Ou seja, um momento de profunda reestruturação produtiva e política ao redor do globo: onde a razão neoliberal se torna pensamento único, a terceira revolução industrial altera as cadeias produtivas, a precarização se espalha e a metrópole se transforma na face do capitalismo, como Henri Lefebvre antecipou com o conceito de sociedade urbana (1970). Milton Santos chama esse momento de Meio Técnico Científico Informacional, e produz um arcabouço teórico para a interpretação deste momento que nos ajuda a pensar a atualidade do capitalismo pandêmico que se descortinou à nossa volta nos últimos tempos.

Palavras chave: Milton Santos; Globalização; Dois Circuitos da Economia; Pandemia

Abstract

Milton Santos played a central role in the critical renewal that science has undergone over the past fifty years. He produced works that are references for the construction of a method and another reason for being geographical thought. We can delimit two poles in his work that intertwine throughout his production, but that somehow help us to think his entire theoretical body. On the one hand we have a work on urbanization and urban economy and on the other, a more ensaistic work, which forces the frontier of geographical thought to other places and proposes a method, a meta-geography that culminates in his work "The nature of space" (1996) and that continues to unfold until his reflection on globalization. These two moments are closely connected, since the author's thematic research animates theoretical reflections, while he reviews social processes in the light of his theory. The geographer's epistemological texts capture a moment of profound transformation of society, after the crisis of capitalism of the 1970s and accompany what has been called "globalization". That is, a moment of profound productive and political restructuring around the globe: where neoliberal reason becomes unique thought, the third industrial revolution alters production chains, precariousness spreads and the metropolis become the face of capitalism, as Henri Lefebvre anticipated with the concept of urban society (1970). Milton Santos calls this moment the Informational Scientific Technical Environment and produces a

theoretical framework for the interpretation of this moment that helps us to think about the actuality of pandemic capitalism that has been presented around us in recent times

keywords: Milton Santos; Globalization; Two Circuits of Economics; Pandemic.

1. Introdução

Antes de refletirmos sobre a obra de Milton Santos propriamente, buscamos uma definição de geografia crítica e os seus representantes. Para situar o papel da geografia na modernidade e posteriormente, elencar um momento de virada importante no pensamento social onde a geografia tem um papel central e o pensamento de Milton Santos um lugar de destaque.

A geografia é uma ciência tardia, mesmo que os primeiros relatos de textos geográficos datem da Grécia antiga, é só no século XIX que vamos ver uma ciência com um corpo metodológico próprio. E o pensamento geográfico acompanha o espírito do tempo no sentido lato do termo, ou seja, o discurso geográfico é fundamental para a justificação da expansão da razão moderna do capital. Em última instância, o pensamento geográfico serviu como ideologia do poder no processo de expansão colonial do imperialismo do século XIX.

Edward Said em seu livro *Cultura e imperialismo* apresenta um sentido básico deste processo, segundo o autor,

“Tudo na história humana tem suas raízes na terra, o que significa que devemos pensar sobre habitação, mas significa também que as pessoas pensaram em ter mais territórios, e, portanto, precisam fazer algo em relação aos habitantes nativos. Num nível muito básico, o imperialismo significa pensar, colonizar, controlar, terras que não são nossas, que estão possuídas e habitadas por outros.” (Said, 2011. p.39).

Portanto, produzir um discurso sobre o território era ao mesmo tempo produzir uma justificativa para a expansão do território (capital mundial), como por exemplo aconteceu com o pensamento alemão principalmente com a geografia de F. Ratzel, o mesmo com outras escolas de pensamento, processo que não vamos nos alongar. Mas podemos refletir como ainda hoje o pensamento e as tecnologias (toda estatística, mapeamento etc.) espaciais têm um papel central na gestão e controle dos territórios.

Na década de 1960 no pós-guerra, o geógrafo francês Yves Lacoste escreveu um trabalho fundamental de crítica ao pensamento geográfico intitulado “A geografia ser antes de mais nada para fazer a guerra” (1988). Um texto de crítica a esse comportamento que o pensamento geográfico exerceu desde a sua formação, um papel de gestão dos territórios e de formação do mercado mundial e de suas violências sob múltiplas escalas.

Esta obra em conjunto com outros textos do momento vai marcar uma conjuntura de crítica interna no pensamento geográfico, e hoje podemos reconhecer esse momento como um ponto chave na construção do que chamamos hoje de geografia crítica. Milton Santos exerce um papel central na

renovação crítica que a ciência geográfica passa ao longo dos últimos cinquenta anos, ele produz obras que são referências para a construção de um método e de uma outra razão de ser do pensamento geográfico. Sem dúvida sua obra ecoa em toda a produção da geografia brasileira hoje e ainda iluminará tantas outras reflexões que virão.

Com o perigo da redução podemos delimitar dois polos em sua obra que se entrelaçam ao longo de sua produção, mas que de alguma forma nos ajudam a pensar todo seu corpo teórico. De um lado temos uma obra sobre urbanização e economia urbana e de outro temos uma obra mais ensaística, que força a fronteira do pensamento geográfico para outros lugares e que propõe um método que culmina em sua obra “A natureza do espaço” (1996) e que segue se desdobrando até a sua reflexão sobre a globalização. Esses dois momentos estão intimamente conectados, visto que a pesquisa temática do nosso autor é que anima as reflexões mais teóricas, ao mesmo tempo em que ele revê vários processos sociais à luz de suas reflexões teóricas.

O que motiva esse segundo polo da obra de Milton Santos? Quais são as questões que o geógrafo brasileiro quer responder? Que momento do capitalismo, que espírito do tempo é esse onde Milton Santos produz?

Os textos de caráter epistemológico do geógrafo acompanham um momento de profunda transformação da sociedade, pós crise do capitalismo da década de 1970 e acompanham o que se convencionou chamar de “globalização”. Ou seja, momento de profunda reestruturação produtiva e política ao redor do globo, onde a razão neoliberal se transforma em pensamento único, a terceira revolução industrial transforma as cadeias produtivas, a precarização se espalha e a metrópole se transforma na face do capitalismo, como Henri Lefebvre antecipou com o “conceito” de sociedade urbana.

Portanto, Milton Santos chama esse momento de Meio Técnico Científico informacional, e produz um arcabouço teórico para a interpretação deste momento que ao nosso ver nos ajuda a pensar a atualidade do capitalismo pandêmico que se descortinou à nossa volta nos últimos tempos. Isto posto, o objetivo deste texto, a partir de uma revisão bibliográfica, é propor uma leitura da obra de Milton Santos e seus dois polos constitutivos e pensar a atualidade de sua obra como uma importante voz interpretativa para o momento pandêmico que estamos vivendo.

Na primeira parte do texto, traçamos a teoria dos dois circuitos da economia urbana e a sua importância para pensar a vida urbana na metrópole capitalista contemporânea. Na segunda parte do texto, pensamos a teoria miltoniana do processo de globalização, para pôr fim, pensar a atualidade desses dois momentos da obra do geógrafo brasileiro para pensar a atual pandemia de coronavírus.

2. Urbanização e os circuitos da economia urbana

Proposta por Milton Santos, a teoria dos dois circuitos da economia urbana capitalista busca explicar como as cidades dos países periféricos funcionam a partir de dois sistemas urbanos, o circuito superior no qual engloba os bancos e grandes corporações, entre outros e o circuito inferior no qual os empregos informais são contemplados, como o dos vendedores ambulantes. Ambos os circuitos estão presentes no cotidiano brasileiro e na paisagem urbana das cidades onde se expressam de diferentes formas.

Milton Santos acreditava que a teoria deveria ser compreendida de acordo com a realidade e o cotidiano de seu país e não em conceitos pensados para os países desenvolvidos e para isso, a obra estudada em questão se fez tão importante à compreensão da realidade brasileira. Milton inicia seu livro mostrando que a tendência de se comparar fatos e especificidades do mundo desenvolvido com o mundo subdesenvolvidos é errônea e atrapalha a análise dos fatos. Ele argumenta que há aproximações entre a Europa do século XIX com os países subdesenvolvidos do século XX, mas que não há como compará-los com igualdade por existirem em contextos diferentes.

A importância do circuito inferior da economia urbana nos países subdesenvolvidos é marcada pelos processos de êxodo rural e ocupação urbana, com pouca oferta de emprego nas cidades. Muitas pessoas vivendo nas cidades, sem opções de trabalho, precisavam contar com o setor terciário da economia para sua sobrevivência, como apontou Oliveira (2013).

Refletindo sobre moradia e mais especificamente sobre as favelas, Santos é claro quando observa que não há uma assimilação direta entre favela e circuito inferior pois nem todos os trabalhadores pobres moram em favelas e nem todos que moram nas favelas, são pobres na mesma proporção. A favela tem dinâmicas próprias e que sem entender o processo histórico de sua formação, não se pode criar linhas diretas entre um circuito econômico e a questão da moradia. “Portanto, não há oposição entre favela e centro, mas oposição entre circuito inferior e circuito superior.” Santos (2008: 76)

Milton traz teorias acerca da favela e de seus trabalhadores, como a de Frankenhoff que diz que “a principal função da “periferia”, aqui a favela, seria de fornecer mão-de-obra ao “centro” e que este dado comanda as relações existentes entre os dois conjuntos” (Santos apud Frankenhoff, 1967). Porém para o autor, os dois segmentos da cidade exercem funções e atividades mútuas, que ambas as partes utilizam, ou seja, há uma dependência que é dinâmica.

O fenômeno dos dois circuitos da economia urbana não é um fenômeno contemporâneo, mas da época da industrialização periférica. No início da industrialização nos países subdesenvolvidos, ocorreu um grande êxodo rural, muitas famílias deixaram o campo em busca de emprego nas cidades e nessas cidades, a oferta de emprego era relativamente segura tanto na indústria, como no comércio e construção civil.

“Com a ausência de um comércio integrado ou especializado, como se encontra agora mesmo nas cidades médias e pequenas, com relações indispensáveis e diretas entre indústrias e comércio atacadista, não é possível falar da existência de dois circuitos econômicos nas cidades dos países subdesenvolvidos dessa época.” (Santos, 2008: 82)

Com a industrialização, o processo de exportação de matérias primas e alimentos entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos foi reforçado. Conforme os países subdesenvolvidos se especializam em determinados tipos de produtos agrícolas a serem exportados, mais eles deixam de produzir alimentos para consumo interno e aumentam a taxa de importação destes produtos, dos países desenvolvidos. Além de que não se exporta o produto bruto: é mais rentável que a primeira transformação deste produto aconteça no país de origem, antes da viagem. Segundo Milton (2008: 88), “o comércio do circuito superior depende estreitamente dos fornecimentos que vem tanto das importações como da produção nacional”.

Santos (2008) acreditava que o período tecnológico em que vivenciamos conta com duas fases, a primeira seria a internalização da divisão do trabalho e a segunda a justaposição do mercado interno, diminuindo a necessidade de exportar. Nos países subdesenvolvidos a primeira fase continua com algumas diferenças, como a instalação de grandes indústrias em países subdesenvolvidos, que claramente não comportariam a produção, pois nestes locais se encontraria incentivos fiscais e mão de obra barata. Segundo Santos (2008: 94) “o comércio de exportação e a indústria de exportação são uma fonte de extração do excedente dos países subdesenvolvidos, particularmente em detrimento dos produtores e principalmente em benefício das firmas multinacionais.”.

Na literatura compreendia-se os processos ocorridos nos países periféricos em relação à industrialização e urbanização em padrões internacionais, que não abarcavam todas as nuances e diferenças que ocorrem aqui. “De resto, o trabalho é o fator essencial no circuito inferior, quando no circuito superior é o capital”. (Santos, 2008: 203)

Segundo Santos (2008:200) a terciarização foi muito utilizada na literatura para se referir “as atividades e as situações de emprego resultantes de uma urbanização sem industrialização.”. Para Milton, pensar essas realidades a partir do conceito de circuito inferior, enriquece e traz uma carga maior de familiaridade com as questões encontradas nos países do terceiro mundo. Segundo ele,

“... o circuito inferior é o resultado de uma situação dinâmica e engloba atividades de serviço como a doméstica e os transportes, assim como o artesanato e as formas pré-modernas de fabricação, caracterizadas por traços comuns que vão além de suas definições específicas e que tem uma filiação em comum”. (Santos, 2008: 201)

Pensar no circuito inferior, é pensar na população pobre e migrante que ali encontra uma única saída à exclusão. Essas populações vulneráveis que se encontram sem emprego, mas que não estão desempregadas como o termo diz. O problema da terminologia sobre o emprego nos países do terceiro mundo ocorre quanto aos dados sobre emprego e desemprego que são normalmente utilizados.

O problema da nomenclatura utilizada é que ela não foi pensada para a realidade dos países do terceiro mundo, deixando muitas pessoas à margem do “emprego, desemprego e não emprego” (Santos, 2008). Não há como definir com precisão as pessoas que se enquadram nestes padrões sobre emprego, pois não há dados suficientes referentes as pessoas que se ocupam com empregos temporários, de rua,

domésticos e informais. Os padrões internacionais não se encaixam à realidade de sobrevivência destes países que é dinâmico.

O circuito inferior abarca muitas pessoas que se encontram sem emprego oficial de uma forma mais fácil e rápida e enquadra também os que não conseguiriam um lugar no comércio moderno. A ocupação é definida rapidamente, de acordo com a necessidade do sujeito, pois para entrar no circuito inferior é mais necessário o esforço físico, sua mão de obra, do que capital para se investir. Com muito pouco ou nada, muitos conseguem uma ocupação. Domésticas, distribuidores de panfletos, pedreiros e vendedores ambulantes são alguns dos empregos encontrados quando estes se encontram em necessidade e sem perspectivas de um emprego formalizado.

Uma das características observadas por Milton (2008) é que quanto menor é o grau de escolaridade do sujeito, mais fácil ele encontrará emprego, pois a mão de obra barata e volátil é uma das características principais do trabalho no circuito inferior, pois mão de obra especializada custa mais. Outra característica importante é a do armazenamento: ter trabalho rápido e sem grandes investimentos financeiros é crucial à obtenção de lucro, então estes novos comerciantes dependem do crédito à pequenos e médios varejistas, para dar o pontapé inicial em seus negócios.

Com isso, o estoque destes vendedores é sempre pequeno, podendo então transitar entre ruas e bairros, trens e rodovias, conforme a demanda exigir. Estas são algumas das especificidades do trabalhador do circuito inferior e principalmente dos vendedores ambulantes que, com pouco estoque de mercadorias e pouco investimento, constroem seu trabalho no dia a dia do comércio.

“O vendedor de rua é menos dependente da clientela que os outros. Ele vai à sua procura, ele tenta essa clientela; ou pode aproveitar ao máximo uma ocasião: nos dias de chuva, as ruas e os escritórios são percorridos por vendedores de capas e guarda-chuvas. Sua situação também lhe permite escapar dos impostos. Mas, sobretudo, o comércio ambulante permite que se mobilize um mínimo de capital.”
(Santos, 2008: 218)

O circuito inferior é marcado também pelo grande número de mulheres que muitas vezes trabalham em casa cuidando de crianças, fazendo faxina, cozinhando, sendo manicures ou abrindo uma portinha em sua própria casa onde vendem alimentos caseiros e comprados. Seja o vendedor ambulante ou a mulher que trabalha em sua garagem, seu tempo no trabalho é muito elevado, pois quanto mais se trabalha, mais chances de ganhar dinheiro se tem.

O que ocorre como pensado anteriormente, é que uma significativa parcela de trabalhadores do circuito superior pode ficar desempregada. Estes trabalhadores que podem ter mão de obra especializada ou não, buscam no circuito inferior da economia empregos rápidos e que supram suas necessidades financeiras, mesmo que emergencialmente.

O circuito inferior movimenta e dinamiza as relações de produção e reprodução do capital ampliado na cidade, é um setor chave para se entender o desenvolvimento do modo de produção e acumulação no Brasil, por estar presente desde a industrialização na realidade econômica e social deste país, como

também é essencial para se formar um panorama do trabalho no Brasil. Milton escreveu seu livro na década de 1970 e desde então, o capitalismo continua seu processo de valorização do valor, com mudanças mais expressivas no trabalho e, com trabalhos cada vez mais precarizados e informais.

3. Globalização

Na análise do professor Milton Santos, ele entende que o processo de globalização tem três características centrais: a globalização como fábula, como perversidade e como possibilidade. Essas etapas de análise são estratégias para entender um mundo “confuso e confusamente percebido”. Um mundo onde

[...] de um lado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, das quais um dos frutos são as novas matérias artificiais que autorizam a precisão e a intencionalidade. De outro lado, há, também, referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que cria, a começar pela própria velocidade. (Santos, 2009. p. 17)

Para Milton Santos as percepções sobre o fenômeno da globalização, são vistas de maneiras bastante confusas, criando alguns mitos sobre o atual sistema. Essa fabulação se dá por um motivo principal, qual seja a forma como a informação é transmitida à humanidade. Atualmente essa informação é feita por conglomerados internacionais que defendem um projeto de sociedade, uma classe, e massificam esse projeto nos meios em que são proprietários. Para Milton Santos vivemos em um momento de “Tirania da informação” onde a mesma é usada por aqueles que Milton chamou de “atores hegemônicos”. E são esses atores que retêm o modelo de produção e as técnicas, transmitindo

“... uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na medida em que o que chega às empresas e instituições hegemônicas, é, já o resultado de uma manipulação, tal informação se apresenta como ideologia. (Santos, 2009, p. 39)

Um mito que essa nova conjuntura do neoliberalismo nos traz, é a ideia de estado mínimo ou o “mito da morte do estado”. A teoria político-econômica do neoliberalismo traduz um estado mínimo, um estado que não intervém na economia. Mas sabemos que o Estado contemporâneo está cada vez mais entrelaçado ao sistema capitalista, os governos atuam cada vez mais para os sistemas de produção funcionarem, de várias maneiras, com reduções fiscais, criação de parques industriais, redes técnicas para escoamento de produção, até entregando as suas universidades para o sistema de inovação tecnológica que movimenta o modelo de competitividade em que vivemos; ou seja, o Estado está cada vez mais nas mãos das grandes corporações transnacionais, está cada vez mais a serviço do capital, nacional e internacional.

O capitalismo contemporâneo tem bases técnicas sólidas para uma ampla mundialização do seu processo de produção, ou seja, o processo de (re)estruturação produtiva iniciado na década de 1970. E esse novo processo de produção baseado na informação e na financeirização, produz uma nova racionalidade, um novo *ethos* que influencia diretamente o modo como os cidadãos vêem o papel do estado, negando a política e temas centrais em suas vidas, dividindo a sociedade e massacrando os movimentos sociais (Santos, 2009).

Portanto trataremos deste novo comportamento e de como este processo estabelece prejuízos para muitos e lucro para poucos. Assim devemos entender que os momentos que Milton Santos descreveu como formadores do processo de globalização não se excluem, portanto, a globalização vista como fábula já é o resultado de várias perversidades que o sistema capitalista nos proporciona e a globalização como possibilidade é uma necessidade a partir de toda essa perversidade.

Essa fabulação é proporcionada pelo uso da informação por atores hegemônicos, esses que concentram capitais, assim as técnicas e a própria informação só são usadas por aqueles que possuem o capital. Portanto vivemos em um momento histórico que a informação junto com o dinheiro tem centralidade na produção do espaço (Santos, 2009).

Aqueles que possuem capitais e meios técnicos querem manter o sistema, e a informação que é vinculada e dominada por atores hegemônicos que têm um papel de transmitir um “encantamento do mundo” como um modo de manter o sistema pelas mesmas bases históricas que ele foi criado. Portanto esse poder que é vinculado por atores hegemônicos, faz com que esse novo *ethos* seja tomado como caminho único para vida e assim conceitos como a competitividade surgem e tomam conta do espaço público em escala global.

Para entendermos o processo perverso do capitalismo contemporâneo, devemos compreender alguns pontos que se formaram historicamente. Um ponto de grande importância para esta análise é a cognoscibilidade do planeta: os conhecimentos técnicos evoluíram consideravelmente nos últimos anos, assim os meios de produção se alimentaram cada vez com mais tecnologia e informação, possibilitando uma maior eficiência para a circulação de capitais na escala global.

Em convergência há a uma financeirização do sistema que faz com que as empresas tenham uma maior capacidade de mobilidade, permitindo com que os capitais se fundem, criando grandes monopólios e concentração de capitais. Essa mobilidade possibilita que grandes territórios criem uma dependência financeira sobre os grandes monopólios e assim cada vez mais os governos cedem incentivos fiscais e territoriais para que essas empresas se instalem em seus territórios. Com isso, as populações destes territórios ficam completamente à mercê destes grandes capitais; assim os territórios são lugares onde as problemáticas do sistema se apresentam (Monken et al, 2008).

O capitalismo contemporâneo é um sistema produtor de desigualdade sociais e assimetrias territoriais como nunca observados na história moderna, o que o professor Milton Santos discorre sobre este período é a possibilidade, de um momento em que os conceitos deixarão de ser tomados como

mercadoria, e que a cultura de massa imposta pelo processo de globalização seja transposta por uma cultura de solidariedade.

4. Conclusões: a atualidade do pensamento de Milton Santos em tempos pandêmicos

A pandemia de coronavírus que a humanidade enfrenta ao longo dos anos de 2020 e 2021, nos chama para uma reflexão urgente sobre as raízes geo-históricas da emergência global, mas também as possibilidades de construção de uma agenda de saúde pública que nos permita compreender e agir, de forma radical, nos determinantes sociais em saúde.

O coronavírus não é a primeira doença de alcance global que experimentamos em nossa história. O cólera, a febre amarela e a malária deixaram marcas profundas ao longo século XIX. A gripe espanhola, que inaugurou “a era dos extremos”, e mais recentemente a gripe aviária nos contam uma história de integração dos mercados em um mundo em corrida para a globalização (Hobsbawn, 2013; Barry, 2020). Toda a história de enfretamento sanitário marcado pela morte nos ensinou muito sobre como a produção do espaço determina o comportamento, a evolução e o combate destes agravos (Ujavari, 2011; Johnson, 2008).

É também verdade que os acontecimentos recentes nos mostram que estamos diante de um evento de saúde pública nunca visto, dado o nível de integração dos mercados globais--o desenvolvimento geográfico do capitalismo produziu uma sociedade com níveis de integração sem precedentes em nossa história (Smith, 1988).

O véu da hipótese lefebvriana de uma sociedade urbana (Lefebvre, 2008) se descortina em nossa frente e as consequências da crise do capitalismo, que se arrasta desde a década de 1970, são cada vez mais urgentes. Urbanização sem precedentes que observamos nos últimos anos já mostra seus limites e a atual pandemia de coronavírus é um resultado drástico desse longo processo de crise.

A irrupção que vimos ao longo dos últimos meses não se apresentou sem vozes de aviso. A obra de Mike Davis *O mostro bate a nossa porta* (2006) foi um alerta para os impactos do mercado global de alimentos, da desregulamentação neoliberal e da lucratividade sem freios da grande indústria farmacêutica. Ao mesmo tempo, foi um chamado global para um sistema de solidariedade nunca visto na história da humanidade.

Mesmo que Milton Santos não seja um autor oriundo das reflexões em saúde pública; suas reflexões podem nos ensinar e apresentar “ferramentas” explicativas para o nosso momento? A obra do geógrafo brasileiro é profícua no entendimento do processo de globalização - como demonstramos até aqui. Não só pela construção de uma teoria para pensar o processo, mas também por demonstrar as consequências urbanas da evolução do capitalismo contemporâneo.

Não podemos pensar o atual momento pandêmico, sem reconhecer que as redes técnicas do processo de globalização são as mesmas redes que difundem o vírus em escala global. Como apontamos, não é a primeira emergência de saúde pública que enfrentamos, porém, nunca enfrentamos uma doença com o atual nível de integração dos mercados e das cadeias produtivas.

A ideia de Milton Santos de convergência dos momentos, é importante para explicar como em tão pouco tempo um vírus consegue se espalhar em uma escala global, e ao mesmo tempo os diferentes sistemas de saúde ao redor do globo tiveram tanta dificuldade para impor barreiras sanitárias. Porque o sistema global é construído para a circulação dos atores hegemônicos, de seus capitais e de suas mercadorias.

Mesmo Milton Santos tendo nos deixado antes do atual momento, sua obra também nos oferece uma interpretação sobre as informações mentirosas e anticientíficas veiculadas nas redes sociais, comumente chamadas de “fake News”. Esse contexto de fabulação sobre o contexto pandêmico surge exatamente como uma “defesa” dos atores hegemônicos sobre a circulação de capital, visto que a principal medida sanitária nos momentos mais graves da pandemia foi o isolamento social¹ e a paralisação de várias redes técnicas² (Lima et al, 2020).

Portanto, a obra de Milton Santos sobre o processo de globalização nos apresenta hipóteses explicativas para o nosso momento, mas não só. Ela nos ajuda a compreender os impactos nos territórios, fundamentalmente na escala das grandes cidades com suas lógicas metropolitanas.

São nas grandes metrópoles do capitalismo contemporâneo, com seus dois circuitos da economia, que observamos os impactos sociais e econômicos da pandemia. A nossa conjuntura pandêmica nos mostrou uma metrópole cindida entre aqueles que puderam se proteger e aqueles que não. Entre aqueles com cobertura dos sistemas de saúde e os desamparados pela proteção do Estado. Na realidade brasileira, a perversidade se faz presente e observamos como a pandemia impactou de forma diferente territórios excluídos da metrópole; expressão do circuito inferior da economia³. Onde a tríade raça, gênero e classe são marcadores de desigualdade social e territorial.

Foi também nesse contexto pandêmico que nos observamos redes de solidariedade e de informação entre territórios excluídos, observamos uma repactuação por todo o mundo da importância dos sistemas universais de proteção social, como o SUS brasileiro e uma revalorização da crítica sobre os

1 “Medidas de isolamento social salvaram ao menos três milhões de vidas na Europa”, disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-06-08/medidas-de-isolamento-salvaram-ao-menos-tres-milhoes-de-vidas-na-europa.html>. Acesso em 18/10/2021.

2 “Voos cancelados pelo coronavírus: a situação das companhias aéreas que voam no Brasil”, disponível em: <https://economia.uol.com.br/todos-a-bordo/2020/03/16/situacao-das-companhias-aereas-que-voam-para-o-brasil.htm>. Acesso em 18/10/2021.

3 “Danos da COVID-19 a longo prazo: recuperação lenta do emprego e risco de aumento da desigualdade”, disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_797490/lang-pt/index.htm . Acesso em: 18/10/2021.

arranjos neoliberais do Estado no processo de globalização. São por essas mesmas frestas que Milton Santos estava propondo uma outra globalização.

Bibliografia

- BARRY, J. (2020). *A grande gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos*. 1ª ed. Rio de Janeiro. Intrínseca.
- DAVIS, M. (2006). *O monstro bate à nossa porta: a ameaça global da gripe aviária*, São Paulo, Record.
- DAVIS, M. (2020). *O coronavírus e a luta de classes: o monstro bate à nossa porta*. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/16/mike-davis-o-coronavirus-e-a-luta-de-classes-o-monstro-bate-a-nossa-porta> /Acesso em 31 de março de 2020.
- JOHNSON, S. (2008). *O mapa fantasma: como a luta de dois homens contra o cólera mudou o destino de nossas metrópoles*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.
- HOBSBAWN, E. (2013). *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2ª edição. Companhia das Letras.
- LACOSTE, Yves. *A geografia- isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra*. Tradução de Maria Cecília França. Campinas, SP: Papirus, 1988.
- LEFEBVRE, H. (2008). *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- LIMA, C., SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N., MORAES, D., GRINGS, L., MAIA, M. (2020). *Emergência de saúde pública global por pandemia de Covid-19: desinformação, assimetria de informação e validação discursiva*. *Revista Folha de Rosto*, v. 6, p. 5-21.
- OLIVEIRA, F. (2003). *Crítica da razão dualista*. 1ª edição, São Paulo: Boitempo.
- SAID, E. (2011). *Cultura e imperialismo*. 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras.
- SMITH, N. (1988). *Desenvolvimento Desigual*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- SANTOS, M.. (2008). *O Espaço: sistema de objetos, sistemas de ações*. In: *Técnica, Espaço, Tempo*. 5. Ed. São Paulo: Edusp.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001.
- SANTOS, M... (2012). *Território e cidadania*. In: *O espaço do cidadão*. 7. Ed. São Paulo: Edusp. p. 139-151.
- UJVARI, S. (2020). *Pandemias: a humanidade em risco*. São Paulo: Contexto, 2011.

HORTA, A. M. N. H.; CHALO, G. (2021). *A geografia de Milton Santos: notas sobre a atualidade de seu pensamento em tempos pandêmicos*.
The Overarching Issues of the European Space - From Sustainable Development to Sustainability.
Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. pp. 355-366.
DOI:10.21747/978-989-9082-08-3/overa25
